

Parteiras e suas memórias: em cena com Maurice Halbwachs

Las comadronas y sus recuerdos: una etapa con Maurice Halbwachs

Zoraide Santos Vieira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Vitória da Conquista, Bahia

Rita Maria Radl-Philipp
Universidade Santiago de Compostela (USC)
Santiago de Compostela, Espanha

Resumo

As memórias individuais e coletivas mantêm uma interligação. De fato, são as pessoas que lembram, entretanto, são os grupos sociais quem definem o que deverá ser lembrado. Quanto mais fortes forem estes grupos, mais agregadas são as memórias. O presente artigo objetivou refletir sobre o caráter individual e coletivo da memória de parteiras, implicações nos processos de transmissão e recepção de suas experiências com conseqüente importância da preservação da memória destas mulheres. Trata-se de um estudo qualitativo, bibliográfico, tendo como principal interlocutor Halbwachs. As reflexões levantadas revelaram que a memória coletiva, é construção das memórias individuais de cada sujeito para com um evento, e a partir das vivências em grupo, a memória pode ser reconstruída. Resgatar as memórias de mulheres parteiras tradicionais é preponderante para ressignificar o ato de parir e de nascer.

Palavras-chave: Memória Individual e Memória Coletiva; Parteiras; Maurice Halbwachs.

Resumen

Las memorias individuales y colectivas mantienen una interconexión. De hecho, son las personas las que recuerdan, sin embargo, son los grupos sociales los que definen lo que debe ser recordado. Cuanto más fuerte son estos grupos, más agregados son los recuerdos. Este artículo tuvo como objetivo reflexionar sobre el carácter individual y colectivo de la memoria de las mujeres parteras, las implicaciones en los procesos de transmisión y recepción de sus experiencias con la conseqüente importancia de preservar la memoria de estas mujeres. Se trata de un estudio cualitativo, de carácter bibliográfico, teniendo a Halbwachs como principal interlocutor. Las reflexiones planteadas hasta el momento han revelado que la memoria colectiva es la construcción de memorias individuales de cada sujeto hacia un acontecimiento, y a partir de las experiencias en grupo se puede reconstruir la memoria. Rescatar las memorias de las parteras tradicionales es fundamental para dar un nuevo sentido al acto de parir y nacer.

Palabras clave: Memoria Individual y Memoria Colectiva; Parteras; Mauricio Halbwachs

1. Introdução

Fundado nas lições de Halbwachs (1990) sobre a articulação entre memória individual e os grupos nos quais o indivíduo toma parte, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o caráter individual e coletivo da memória de mulheres parteiras as implicações nos processos de transmissão e recepção de suas experiências com consequente importância da preservação da memória destas mulheres.

Para melhor compreensão da temática optamos por um estudo qualitativo, de cunho bibliográfico tendo como principal interlocutor Halbwachs (1994; 2004). Vale esclarecer que o presente estudo traz apenas uma percepção muito tímida do conceito de memória, pois consideramos que ainda existe um longo caminho a ser percorrido para uma melhor apropriação conceitual.

O estudo encontra-se organizado da seguinte maneira: Em princípio, discutimos sobre memória individual e memória coletiva na perspectiva de Maurice Halbwachs; em seguida, é traçado um percurso sobre a inteligência do quanto a recordação e da localização das lembranças no tempo e as memórias a serem preservadas de um grupo específico que são as parteiras. Tomamos como ponto inicial de que o indivíduo se recorda mais facilmente dos eventos experienciados em grupo e de que essa lembrança tem a duração do tempo em que esse grupo se existir na vida e ou na memória de seus integrantes.

2. Entrelaces da memória coletiva e memória individual na perspectiva de Maurice Halbwachs

As interpretações sobre memória retratadas por Halbwachs despontam num momento com evidentes tendências positivistas e cientificistas que enalteciam a relação da mente com o corpo. Sua colaboração para digladiar essa tendência cientificista centrou-se na incorporação do conceito de memória nas ciências sociais.

O ponto central na obra de Halbwachs é a alegação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva. A matriz de diversos sentimentos, reflexões e paixões que atribuímos a nós, na verdade, são inspiradas ou sugestionadas pelo grupo, ou bem, construídas de forma social. A memória tem caráter e traços coletivos, entretanto, somente o indivíduo é capaz de lembrar.

Da mesma maneira que a identidade, a memória também passou a não ser vislumbrada como uma característica unicamente individual, passando a ser apontada como fragmento de

um processo social em que atributos da *psique* se interligam a determinantes sociais. Sendo assim, a memória já não é considerada como um evento ou fenômeno individual simplesmente, passa a ser tida como um elemento que constitui o processo de edificação de identidades coletivas.

É possível inferir que quanto maior a interação entre indivíduos do grupo no qual se dá a relação de pertencimento, na mesma medida, as memórias individuais se convertem em memórias coletivas. Conforme advoga Halbwachs (2004), a memória individual pode ser apontada como uma perspectiva da memória coletiva, sendo os fatos de domínio comum de um grupo.

Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estava só, que refletia sozinho, já que em pensamento eu me deslocava de tal grupo para o outro, aquele que eu compunha com esse arquétipo, além deste, com aqueles, dos quais ele era interpretado junto a mim (...). Para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda o impulso e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles (HALBWACHS, 2004, p. 31).

Com essas palavras, Halbwachs descreve o processo interativo intersubjetivo no qual é construído e reconstruído a memória que se percebe como individual no mesmo contexto social da experiência no grupo, isso é, o autor citado “[...] lembra uma e outra vez a dinâmica comunicativa no que se inscreve a memória como produto das interações sociais com os demais, com os coletivos [...]” (RADL PHILIPP; MARTINEZ RADL, 2018, p. 34).

É possível observar que as duas memórias se interpenetram, se fundem, a memória individual apreende as contribuições externas ofertadas pela memória coletiva. Em contrapartida, Ricoeur (2004) relata que na memória individual cada indivíduo possui seu ponto de vista sobre a memória coletiva e que este se modifica a depender do lugar que este indivíduo ocupa e este lugar também se modifica a depender das relações mantidas com outros meios. Assim, a contribuição de Ricoeur está em aprofundar que as memórias necessitam estar interligadas, sendo que a predominante é a memória individual, mesmo estando inseridas nas coletivas.

Todo evento histórico concernente à memória se converte em símbolo, o qual recebe algum significado o qual tem o potencial de transformar tradições em ideias contemporâneas. Conforme defende Rivera (2018), as tradições têm origem na restauração do passado, objetivando responder necessidades do presente e desta maneira permanecer vivo através

do tempo (HALBWACHS, 2004; RIVERA, 2018). Portanto, as lembranças coletivas são reedificadas tendo como dispositivo o complexo de estímulos atuais (HALBWACHS, 1994).

Conforme Halbwachs (1994, p. 296) ao pensarmos o passado, o descobrimos no presente. Não há “ideia social que no es un recuerdo de la sociedad”.

Halbwachs distingue a memória coletiva da história, para tanto, discorre que a história aborda e abarca eventos que ressurgem do passado por meio de signos, representações, formas escritas e sistematizadas durante o tempo no qual por ele não foi vivenciado, apenas leu ou escutou de alguém. O autor chega a comparar a história como um cemitério, onde novas sepulturas precisam ser encontradas, escavadas (HALBWACHS, 1994).

Halbwachs esclarece que a memória se organiza através da realidade e se introduz no momento presente; não se revive as imagens pregressas, na verdade estas são acomodadas às medidas da realidade. Em contrapartida também não é possível reviver recordações passadas, elas são reedificadas na memória coletiva de acordo com os elementos do presente (GRAEFF; GRAEBIN, 2018).

Segundo afirma Silva (2018) para que os fatos históricos se mantenham vivos necessitam da memória social e coletiva, já que a memória precisa e é favorecida com contribuições externas ao indivíduo.

Um passado que adquirimos de maneira quase que automática e consubstanciada sumariamente, já revelada, encenada e que passa a fazer parte de nossa memória. A história é o fato e ela passa, mas a memória continua presente nas pessoas que vivenciaram o acontecimento. Assim:

Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo que faz com um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2004, p. 78-79).

Temos conhecimento que esta concepção de história registrada por Halbwachs confronta-se com a interpretação dos historiadores, quanto ao seu movimento e duração. A história não privilegia e nem considera diferenças particulares e sociais concebidas na própria história, pois:

Não hesita em introduzir divisões simples na corrente dos fatos, cujo o lugar está fixado de uma vez por todas. Com isso, ela apenas obedece a uma necessidade didática de esquematização. Parece que ela encara cada período como um todo, em boa parte independente do que o precede e do seguinte, porque tem a realizar uma

tarefa – boa, má ou indiferente. Enquanto essa obra não estiver terminada, enquanto essas situações nacionais, políticas, religiosas não desenvolveram todas as consequências que comportavam sem levar em conta as diferenças de idade, tanto jovens como velhos estariam encerrados no mesmo horizonte (HALBWACHS, 2004, p. 103).

Na concepção de Halbwachs (1990), a memória coletiva é o referente da participação da memória individual de cada indivíduo em relação a um evento ou fato. Usando as palavras do autor: “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.” (HALBWACHS, 1990, p. 51). A memória é a percepção imediata, a maneira do passado se manifestar no presente. Halbwachs (1990) destaca que partindo das vivências em grupo, a memória pode ser reconstruída.

Nesse sentido Halbwachs aponta para o interessante aspecto que as recordações se articulam por junção do que pode ser denominado de “correntes de memórias” (GRAEFF, 2017, p. 155), isso por que “só lembraremos se nos colocarmos no ponto de vista de um ou muitos grupos e se nos situarmos em um ou muitas correntes de pensamento coletivo” (GRAEFF, 2017, p. 41).

O autor ainda ressalta a seletividade da memória, a qual apresenta um chamado processo de “negociação” de forma que as memórias individual e coletiva se harmonizem, ou dito de outra forma, estejam entrelaçados entre si de forma dialética, uma não é possível sem a outra. Sendo assim, não são suficientes testemunhos de outros sujeitos para que as memórias sejam assimiladas por um indivíduo. Na verdade, elas necessitam estar de acordo, em conexão, com aspectos de memória já existentes desse indivíduo, precisam do trabalho e da inter-relação com a experiência do sujeito, de estar elaboradas de forma ativa pelo mesmo indivíduo em uma comunicação constante com a coletividade, com outros, que possuam pontos de similitudes, a fim de ser edificadas sobre uma base em comum. Nesta perspectiva podemos perceber a importância das memórias de outra pessoa para confirmar, ou, na realidade, construir suas próprias memórias, para torná-las legítimas. Pollak (1989) de uma perspectiva mais epistémico formalista diz que quando a memória individual de um sujeito não apresenta nenhuma consonância com a memória coletiva, essa memória pode ser considerada como uma memória clandestina, uma vez que não apresenta coerência com os discursos oficiais.

O partejamento é uma atividade fundamentalmente relacional. Os partos executados por mulheres parteiras ultrapassam questões meramente técnicas, avançam o território das relações as quais são estabelecidas com a parturiente e suas famílias e com a comunidade na qual pertence. Parir tem significado pessoal, cultural, familiar de grupo e coletivo da comunidade, mais além do significado social macroestrutural da sociedade onde acontece. Neste contexto do fato do partejamento a memória tem como de um ponto de vista social geral implicações individuais e de grupo, mas cobra relevância especial a memória coletiva.

Os vínculos estabelecidos entre as mulheres, parturientes e parteiras, são similares a parentesco, muitas parteiras passam a ser reconhecidas como comadres e algumas até como avós deste novo ser que ajudaram a vir ao mundo. Essa é uma relação muito recorrente entre as parteiras tradicionais. E a relação que se estabelece entre duas comadres difere em muito daquela entre médico e paciente, ou profissional e usuário, pois há, entre duas comadres, afetos, cumplicidades, comprometimento, uma biografia em comum, vínculos de comunidade e, de forma particular, de identidade, nesse caso de identidade feminina, que chamamos de gênero das mulheres. As crianças aprendem, desde pequenas, a chamar a parteira de “mãe”, avó, madrinha.

Existe a necessidade iminente das parteiras transmitirem seus saberes, conhecimentos e experiências para as mais novas, de forma que esse ofício possa permanecer ao longo dos tempos, apoiando as futuras mães na hora do parto, como refere Teixeira (2011):

As parteiras tradicionais são mulheres que se dedicaram ao ofício de assistir à futura mãe na hora do parto. Possuem um conhecimento prático e empírico sobre a arte de amparar a mãe e o bebê no momento do nascimento, prestando cuidado e dedicação. O saber das parteiras está guardado na memória e nas histórias, que serão contadas, repassadas e que fazem parte do interesse e do imaginário da comunidade, falando da chegada de cada novo filho (TEIXEIRA, 2011, p. 2).

A transmissão deste conhecimento ocorria, em sua maioria de maneira oral, geralmente numa lógica de geração: de genitora para filha, de progenitora para neta, de comadre para comadre. A única exigência feita pela parteira era que a pessoa que recebesse este conhecimento e atuar no partejamento, tivesse experiência, entende-se por experiência, já ter passado pelo processo de parturição, vivenciado as dores do parto (ACKER *et al*, 2006).

Este era o perfil das muitas mulheres que adquiriram habilidades especiais e conhecimentos empíricos sobre a gravidez e o parto (MORAIS, 2010).

Em sua maioria, as parteiras tradicionais eram mulheres idosas, iletradas e por este motivo a transmissão de seus conhecimentos se davam de maneira oral (BARROS, 2001).

Destacamos que na atualidade, numa época de profissionalização e institucionalização em muito alto grau das funções e trabalhos (BÔAS FILHO, 2017), observou-se que as novas gerações não apresentaram interesse em aprender ofício das parteiras. Este fenômeno que vem ocorrendo devido a muitos fatores dentre estes: a falta de regulamentação da profissão, dificuldades enfrentadas por estas mulheres parteiras para exercerem seu trabalho, que vai desde a míngua ajuda que recebem dos serviços de saúde local até a maneira discriminatória e preconceituosa com que são tratadas por grande parte dos profissionais do serviço de saúde, ou seja, o ofício está desvalorizado.

Na teoria formulada por Halbwachs (1990) destacam-se duas relações: entre o passado e o presente e entre o indivíduo e a sociedade. Ao considerar o ato de lembrar como uma viagem ao passado que tem sempre como referência o tempo e o espaço vivenciado por quem lembra, o autor deixa claro que a memória estabelece uma relação entre esses dois tempos sociais. Essa relação torna-se dialética na medida em que o passado é visto, também, como um referencial orientador para o presente.

Como essa lembrança, “comum” entre os partícipes de um grupo, neste caso as parteiras, posteriormente reconhecida como memória coletiva, se espalha no tempo de um sujeito; como o sujeito recorda fatos em diferentes circunstâncias? Se para Halbwachs (2006), a memória permanece enquanto durar a memória do grupo, preservar os elos entre os integrantes de determinado grupo é preponderante para que a sua memória permaneça. No caso das parteiras, a manutenção da transmissão de seus saberes é indispensável para que este grupo social seja preservado.

Assim, a memória não é algo dado, mas um fenômeno construído e reconstruído. É a partir dessa percepção que a relação indivíduo/sociedade (através do grupo e coletivo vivenciado) adquire um caráter onde as forças sociais são devidamente consideradas, mas não subjugam o papel do indivíduo. Nessa memória, vista como construção e, em definitivo, reconstrução ativa, caberá ao indivíduo o papel de agente, pois é ele que, ao transitar entre diferentes grupos sociais, estabelece a articulação de tempos e espaços sociais distintos. Confrontando suas lembranças com as dos outros membros do grupo, ele forja a sua memória individual e ajuda a estruturar a do grupo.

Interessante ainda destacar a importância dos testemunhos para formação e permanência das lembranças (HALBWACHS, 1990). Em relação à memória individual, evidencia-se a função dos vínculos de convivência estabelecidos com os membros dos diversos grupos presentes em nossos cotidianos e trajetória de vida, e que favorecem o contínuo confronto entre nossas lembranças e a dos outros. Sendo assim, se o grupo se dissolve e se já não temos com quem partilhar nossas lembranças, o quadro vivido se esmaece e as imagens tornam-se fugídias.

Ao desejar demonstrar o caráter social da reconstrução das lembranças, Halbwachs (1994) reverbera o aspecto individual da memória, trazendo um sentimento próprio e particular. Sua existência tem um caráter único, decorrente de sua posição espacial e temporal e que apenas um único e determinado indivíduo possui em sua biografia.

Em “Les Cadres Sociaux de La Mémoire”, Halbwachs legitima o poder dos contextos sociais na construção da memória, buscando explicar o processo de rememoração baseado no campo social. Parte do pressuposto que as nossas lembranças sobrevivem dentro do grupo que fazemos parte por meio dos objetos, lugares e pontos de referência. E esses marcos são passados nas atividades da sociedade através de elementos com a língua, os signos e os gestos (RADL-PHILIPP; MARTINEZ-RADL, 2018) de forma comunicativa e interativa, em um processo interativo comunicativo ininterrompido entre sujeitos no contexto social concreto dos grupos. Assim:

Cuando evocamos un recuerdo, y cuando precisamos localizarlo, es decir, en resumen, cuando lo completamos, se dice a veces que lo adosamos a aquellos que le rodean; en realidad, es porque otros recuerdos en relación con éste subsisten alrededor nuestro, en los objetos, en los seres pertenecientes al medio en el que vivimos, en el tiempo, las nociones históricas, geográficas, biográficas, políticas, datos de experiencia corriente y maneras de verlo como algo familiar, todo aquello que no era de partida sino el esquema vacío de un acontecimiento pasado y que estamos en condiciones de determinar con una precisión creciente (HALBWACHS, 1994, p. 55-56).

Segundo o sublinhado antes, um dos pontos fundamentais percebidos, e que reforça muito mais a necessidade da preservação do saber de mulheres parteiras, foi o entendimento da função social da memória. Ou seja, a memória coletiva transporta o dia a dia das experiências para o campo da história de vida dos sujeitos que se identificam pelo passado comum numa recordação que é impossível “quando não se toma como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza à essa reconstrução”.

(HALBWACHS, 2006, p. 8). Fica, portanto, condicionada o sentido da memória a um contexto social de interação e à interação com os indivíduos que partilham da ação objeto da memória, neste caso o saber das parteiras tradicionais.

Sendo assim, rememorar simboliza partilhar experiências intermediadas por sujeitos e grupos sociais dos quais somos partícipes identificando, validando e construindo-a a partir de uma coletividade. Podemos afirmar que os quadros sociais da memória organizam e estruturam o comportamento humano acerca do que devemos lembrar ou esquecer. São vistos nas narrativas, imagens, símbolos e instituições os quais corroboram ao grupo vínculos necessários à união das sociedades.

A assimilação de que existe um vínculo dentro dos grupos e entre os grupos e os indivíduos, apontam no sentido de que a memória possui uma estrutura de identidade capaz de aproximar ou distanciar o indivíduo de um dado grupo, é um elemento fundamental. Ao destacarmos o marco da família como exemplo desse vínculo, podemos afirmar:

Son rostros y hechos que se instalan como puntos de referencia; pero cada uno de esos rostros expresa toda una personalidad, cada uno de esos hechos resume todo un período de la vida del grupo; son a la vez imágenes y nociones. Toda nuestra reflexión se dirige a ellos: todo sucederá, sin duda, como si hubiésemos retomado contacto con el pasado. Pero esto quiere decir, solamente, que a partir del marco nosotros nos sentimos capaces de reconstruir la imagen de la persona y de los hechos (HALBWACHS, 1994, p. 184).

Assim, rememoramos eventos que aconteceram em nossas infâncias com a família, situações próprias do contexto profissional, convivências pessoais com os colegas de trabalho dentre outras situações que inserem o sujeito num grupo amparado pelos quadros sociais da memória.

Os quadros sociais da memória colaboram para despertar a recordação no presente, bem como, identificar em períodos passados fatos ou eventos que o presente necessitou, articulando eventos anteriores, passados com o presente, perpassando por um processo de seletividade do que o indivíduo deseja lembrar. Essa seletividade evidencia então:

Não é o passado todo inteiro que exerce sobre nós uma pressão com vista a penetrar em nossa consciência. Não é mais a série cronológica dos estados passados que reproduziria exatamente os acontecimentos antigos, mas são aqueles únicos entre eles que correspondem a nossas preocupações atuais que podem reaparecer. A razão de sua reaparição não está neles, mas na sua relação às ideias e percepções de hoje: não é, pois, deles que partimos, mas dessas relações (HALBWACHS, 2004, p. 141).

Assim conjuramos imagens significativas que se relacionam ao grupo do qual somos partícipes, formadas por representações e pela memória do grupo. “É a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensaio recebido dos outros, que a maioria da memória individual toma posse de si mesma” (RICOEUR, 2004, p. 130).

Revelamos, portanto que, para um sujeito pertencer a um determinado grupo se faz necessário a existência de um elo, o qual é a afetividade que se estabeleceu como consequência da duração da convivência, ressaltamos ainda que as lembranças que foram vividas por um grupo são mais significativas que as individualizadas. Desta maneira, é interessante notar que se faz necessário compartilharmos fatos para que se torne possível à reconstrução de determinado evento do passado, obtendo a lembrança.

A maneira como armazenamos as lembranças, de usufrirmos das imagens-lembranças vividas ou a forma que estruturamos internamente nossas memórias e hábitos, é identificada como memória individual, ou seja, os pormenores, as particularidades, as imagens, bem como os enfoques fazem parte da subjetividade da experiência individual, introduzida na memória coletiva. Neste contexto, a memória individual está irremediavelmente e de forma dialética ligada a memória coletiva, parte da memória coletiva, pois

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2004, p. 72).

Halbwachs elucida que o pensamento social não é abstrato, visto que os grupos e os indivíduos subsistem através de uma lembrança da sociedade. Por isso, as lembranças consideradas importantes para determinada sociedade são fragmentos que fazem parte de um sistema de ideias, construídas e reconstruídas no mesmo contexto social de modo interativo pelos sujeitos que surgem e se tornam de memória coletiva, não é suficiente apenas a imagem para lembrarmos.

Assim, a memória coletiva é formada a partir dos acontecimentos evidenciados por meio dos quadros sociais utilizados para rememorar o passado de um grupo. “É impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nesta reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, 2004, p. 10).

O passado se instaura por um processo de perpetuação no presente por meio de sua constante atualização e o sujeito é o instrumento depositário das lembranças apreendidas na história vivida numa perspectiva coletiva. Halbwachs (2004) diz que nossas lembranças se mantêm coletivas, tem de significado coletivo, são lembradas por outras pessoas, mesmo que apenas nós tenhamos vivido determinado evento. Isso ocorre porque nunca estamos sós de verdade, sempre carregamos conosco e em nós outras muitas pessoas.

Bosi (1994, 55 p.) interpretando as palavras de Halbwachs, afirma: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. Inferimos que é trabalho social intersubjetivo. Lembrar significa um processo de construção que ao mesmo tempo é de reconstrução social, é um processo ativo, no qual as pessoas constroem e reconstróem de forma intersubjetiva os fatos sociais significativos, que no nosso caso atinge a memória das parteiras.

3. Considerações finais

As discussões até aqui levantadas esclarecem o caráter social da memória, não sendo está inteiramente isolada e fechada, a memória individual provê o conhecimento da memória coletiva, tendo em vista que “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72). A construção da memória, o seja, sua construção e reconstrução, segue uma dinâmica intersubjetiva, não é um assunto individual psicológico biológico da pessoa, mas também não é uma simples reprodução imposta pela comunidade. Como já destacamos noutra lugar, a teoria halbwachsiana,

[...] chama a atenção para uma questão fundamental que é a importância básica da comunicação e interação como fato que em último termo explica a existência da memória dos sujeitos. Ou dito de outra forma, o autor citado coloca as relações sociais, ou bem, as interações entre sujeitos e o coletivo como condicionamento para

a formação da memória que começa sempre no presente (RADL PHILIPP, MARTINEZ RADL, 2018, p. 38).

Fazendo uma alusão a Descartes, “o homem lembra, logo existe” (PENA 2006 p. 72). Lembra não apenas para reviver, repetir o passado, mas para reconstruir, cultivar referências para o presente. Sem a memória, cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento. É a memória que funciona como instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento (MENEZES, *apud* SANTOS, 1994).

Sem dúvida, “A memória é um fato essencial que comporta para a pessoa sua identidade” (RADL PHILIPP, MARTINEZ RADL, 2018, p. 38), e da sua identidade de gênero. Sendo assim, faz-se necessário resgatar as memórias de mulheres parteiras tradicionais para que o ato de parir e de nascer possa ser resignificando no seu contexto histórico social com grandes implicações social cultural coletivas, e tenha de fato um caráter humanizado como vem preconizando as Políticas Brasileiras de Atenção ao Nascimento . Sabendo que a memória coletiva, nada mais é, do que a participação da memória individual de cada sujeito para com um evento, Halbwachs (1990) nos aponta que a partir das vivências em grupo, a memória pode ser reconstruída, mesmo coletiva como individualmente, mas entendendo esse processo, em definitivo, como um fato intersubjetivo, que tem um valor epistêmico importante de uma perspectiva de memória das mulheres.

Referências

ACKER, Justina Inês Brunetto Verruck; ANNON, Fabrina; CARRENO, Ioná; HAHN, Giselda Veronice; MEDEIROS, Cássia Regina Gotler. As parteiras e o cuidado com o nascimento. **Rev Bras Enferm**, 59(5), p. 647-51, set./out. 2006.

BARROS, Iraci de Carvalho. **Saberes e Prática das Parteiras Tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias**. 2001. 227 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, , CAMPINAS/SP, 2001.

BÔAS FILHO, Orlando Villas. Émile Durkheim e a análise sociológica do direito: a atualidade e os limites de um clássico. **Redes: R. Eletr. Dir. Soc.**, Canoas, v.5, n. 2, p. 229-250, nov. 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. In: BERND, Zilé; GRAEBIN. Cleusa Maria Gomes (orgs.). **Memória Social: revisitando autores e conceitos**. Canoas, RS: Ed Unilasalle, 2018.

GRAEFF, Lucas. Memória Coletiva. Verbetes. In: BERND, Zilá.; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2. ed. Canoas: Ed. Unilasalle, 2017.

GUIMARÃES, Claudioney da Silva; MATTA, Betânia de Assis Reis; ARAÚJO, Geórgia Layla Holanda de; SOUZA, Maria José Nogueira de; BARROS, Hozana Nogueira; FREITAS Sebastiana Costa de; FERNANDO, Verônica Lima. Parteiras e seus cenários: ensaios e relatos sobre a arte de partejar. In: SCHWEICKARDT, Júlio Cesar; SOUSA, Marília de Jesus da Silva e; NASCIMENTO, Ana Claudeise Silva do; GOMES, Maria das Dores Marinho Gomes; MORAES, Tabita dos Santos de. (orgs.). **Parteiras Tradicionais: conhecimentos compartilhados, práticas e cuidado em saúde**. Porto Alegre: Editora Rede UNIDA, 2020.

GUSMAN, Christine Ranier; RODRIGUES, Douglas Antônio; VILELA, Wilza Vieira. Paradoxos do programa de parteiras tradicionais no contexto das mulheres Krahô. **Ciência & Saúde Coletiva** Jul. 2019. Vol. 24, n. 7, p. 2627-2636, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidu. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. 2. ed. Paris: Albin Michel, 1994.

MORAIS, Fatima Raquel Rosado. **A humanização no parto e no nascimento: os saberes e as práticas no contexto de uma maternidade pública brasileira**. 2010. 273 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social; Processos Psicossociais; Relações de Poder e Sociedade) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. Coleção Comunicação. São Paulo: Contexto. 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RADL-PHILIPP, Rita Maria.; MARTINEZ- RADL, Fanny. Memória e ações comunicativas. Uma visão teórica comunicativa interacionista da teoria sociológica de Halbwachs. In: PHILIPP, Rita; ALVES, SANTOS, Ana Elizabeth. **Memoria, género y educación: investigaciones y cuestiones epistemológicas**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2018, p. 31-46.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2004.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Linguagem, memória e religião no pensamento de Maurice Halbwachs. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 51, p. 1177, 2018.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania.** Disponível em:

http://cadernosociomuseologia.ulusofona.pt/Arquivo/caderno_23/sociomuseologia_1_22/Cadernos%2003%20-1994.pdf#page=76>. Acesso em: 19 out. 2015.

SILVA, Valdir Moreira da. **Veredas da lembrança no Vale do Açu.** 2018, 202f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2018.

TEIXEIRA, Maria Verônica. Resgatando saberes: a cultura da parteira tradicional como estratégia de promoção da saúde. 2011. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Graduação em Psicologia, Centro Universitário Jorge Amado, Salvador, 2011.

Sobre as Autoras

Zoraide Santos Vieira

Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade. Profa. Adjunta na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciência Humanas, Educação e Linguagem. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0797-0061>. E-mail: zoraide@uesb.edu.br

Rita Maria Radl-Philipp

Doutora em Philosophie and Science of Education. Professora Catedrática no Departamento de Ciencia Política e Sociología. Área de Sociología. Coordenadora do CIFEX, na Universidade Santiago de Compostela- USC. Orcid: <https://orcid.org/.0000-0002-9393-7753>. E-mail: ritan.radl@usc.es

Recebido em: 03/01/2023

Aceito para publicação em: 30/01/2023